INSIGHT

CARIOQUICE

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO XII . N:48 . JAN/FEV/MAR 2016
ISS 1981-6049

"IR deixando a pele em cada palco e não olhar pra trás..."
apud Chico Buarque

MARCO NANINI

UM ANJO EM CENA

Cuidar do que
é importante para você.
Saber como usar
melhor o seu crédito.
Ter mais controle
dos seus gastos.
#issomud
Converse com a gente.
Faça sua pergunta usando
#issomudaseuano
nas nossas redes sociais
e descubra como ter um banco
ainda mais feito para você.
Transferência de Limites de Crédito
Aplicativo Itaucard
Reserva Financeira
Conheça as soluções
do Itaú para ajudar você
a organizar o seu ano.

AFRICA
aseuano
Itaú. Feito para você.
Itaú

crônica do Rio

esquina do ricardo

Para quem não sabe das sutilezas da literatura, a crônica é um gênero literário. Mas foi considerado por muito tempo, em especial pelos narizes mais retorcidos e preconceituosos, como forma menor, ou até nula, de se fazer obra literária.

De fato, é necessariamente menor, mais curta, mais rápida (ou não) do que o conto (seu quase pai, já bem mais alargado) e o romance (o grande avô tradicional, gordo e volumoso). Mas o que deve mesmo ser avaliado na crônica, no conto, no romance é a qualidade do texto, a artesania da construção, a possibilidade de provocar o belo e estimular os sentidos do leitor.

Recentemente, fui assistir à palestra do escritor e poeta Affonso Romano de Santana, também cronista de mão cheia que, no auditório da Biblioteca Nacional, destilou vagarosa e amorosamente o cronista Rubem Braga. Braga foi eleito o quinto classificado no bem-sucedido projeto "Os Construtores da Literatura Carioca", empreendido pela Academia Carioca de Letras em conjunto com a Biblioteca para celebrar os 450 anos do Rio. O cronista foi pinçado por júri rigoroso de 80 especialistas exatamente por ser... cronista. E por que Braga, à frente de tantos outros como Paulo Mendes Campos, Sergio Porto, Olavo Bilac ou mesmo Drummond (para quem não sabe, o poeta foi também habilíssimo cronista)? Porque Rubem Braga era capaz de ver, com lupas, banalidades, sensibilizar-se com o cotidiano e transformar em obra de arte insignificâncias aparentes, como o canto de um bem-te-vi, uma flor amarela desfolhada, ou um torso de mulher. Ou seja, em acontecimento literário. Até porque uma crônica pode ser poesia. E até soar como música.

Quem não leu Rubem Braga, seus antecessores e seus contemporâneos pode hoje se consolar com finos cronistas como Ruy Castro, Zuenir Ventura, ou Cony, entre tantos, com páginas sedutoras sobre a cidade ou sobre os desmandos do país, além de cronistas mais saudosos de tempos idos como Joaquim Ferreira dos Santos, sempre municiado de reminiscências poéticas. Para mim, a crônica continua a ser o suspiro literário do Rio. Até porque a leveza e a descontração são impressões digitais da pura carioquice.

Bem, por tudo isso a crônica foi o gênero coroado pela Academia Carioca de Letras como objeto de concurso de fim do ano acadêmico: o Prêmio João do Rio nos 450 anos. Ele também, o João, um opulento cronista da cidade ao começo do século XX. Os vencedores do concurso, aliás, receberam seus prêmios na mesma tarde da concessão do Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro 2015 da ACL a Ruy Castro, que lhe foi entregue pelo eleito no ano anterior, Carlos Heitor Cony. Uma rara festa que celebrou cronistas de todos os matizes.

Li dezenas de crônicas dos concorrentes cariocas ao troféu João do Rio. Da observação de seus textos fiquei, mais uma vez, com a certeza de que elas podem ser os olhos, os ouvidos e, é claro, o coração dos detalhes banais ou das brisas suaves e até dos protestos em sua defesa, que o Rio pode inspirar. E que só uma crônica suspirosa ou perspicaz é capaz de perceber.

HÁ 120 ANOS, A VIDA É IMPREVISÍVEL E, ACREDITE, ISSO É MUITO BOM.

Para nós da SulAmérica, o mais importante é fazer com que nossos clientes aproveitem o melhor da vida com toda a tranquilidade. Por isso, estamos sempre ao seu lado, com um completo portfólio de produtos e serviços para que você possa contar com a proteção e o bem-estar que tanto procura.

SEGUROS • SAÚDE • ODONTO • AUTOMÓVEL • VIDA
PREVIDÊNCIA • INVESTIMENTOS • CAPITALIZAÇÃO

SulAmérica 120 anos

Há 120 anos, a vida é imprevisível e, acredite, isso é muito bom.

PEÇA SULAMÉRICA PARA O SEU CORRETOR.

Sumário

Carioquice

Nº 48 JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 2016
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar
6 Bodas de cristal
10 Se segura, malandro!

Saga carioca
16 Mestre da delicadeza

Causos & Letras
22 Damas famélicas
30 Fazedor de fazimentos

Cidade Maravilhosa
36 Pela lente do amor
42 Nossa rainha Elisabeth

Do bem comer e melhor beber
46 Sustância na Vila

Magia do olhar
50 Joias recônditas

Embaixadora do Rio
56 Sorrio para meu Rio
Por Gisella Amaral

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO

BANCO BMG

BancoBM

PRODUÇÃO

Insight COMUNICAÇÃO

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

FSC

Expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Mônica Sinelli

REPÓRTERES
João Penido
Kelly Nascimento

DESIGNER
Marcelo Pires Santana

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Geraldo Rodrigues Pereira

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Primil

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Bernardo Cabral
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcelo Calero
- Marcilio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer ✞
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Pereira
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vitor Lemos
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12° andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Luis Coelho, 308, cjto 36 · Consolação
Cep 01309-902 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@iccacultural.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Vermelho do calor do verão, do pôr do sol, do turista depois de três dias sem protetor, do sinal que o carioca odeia parar, das bandeiras de time de futebol, da escola de samba, vermelho quente como só o Rio e o carioca sabem ser.

INSIGHT

CARIOQUICE

A gente conhece o Rio de cor.

Insight CARIOQUICE Leia. Anuncie. (21) 2509-5399 *carioquice.com.br*

Bodas de cristal

por Kelly Nascimento

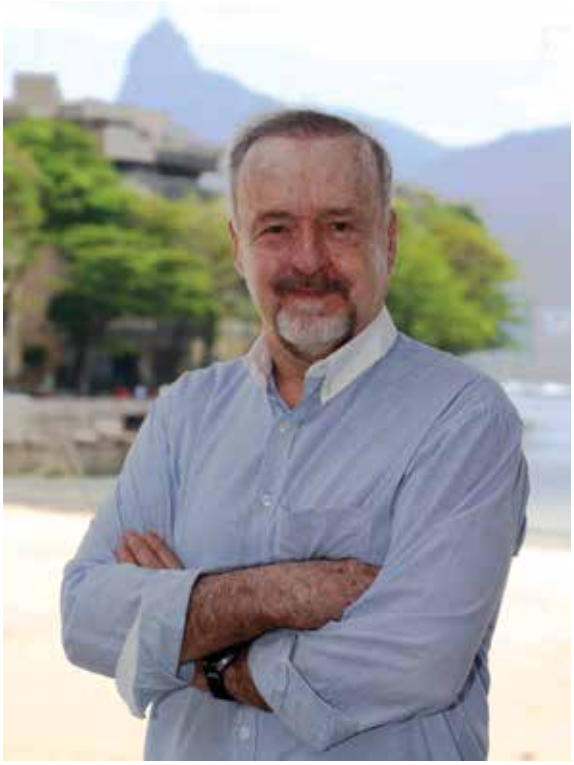
Em 24 de janeiro de 2016, o Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) completou 15 anos. São 5.475 dias de defesa da Música Popular Brasileira (MBP). Organização sem fins lucrativos, instalada numa área de 3 mil metros quadrados no Largo da Mãe do Bispo, na Urca, o ICCA hoje é referência para pesquisadores e amantes da música do Brasil e do mundo. As preciosas coleções de discos e livros, cuidadosamente catalogadas e preservadas, orgulham a cidade do Rio de Janeiro, que só tem a agradecer aos que trabalham pela proteção da cultura nacional, em especial à Faperj, parceira desde 2001, mantendo bolsas acadêmicas e projetos de pesquisa.

Uma das primeiras ações desenvolvidas, em 2001, foi a recuperação de seu acervo de vinis, por meio de uma metodologia inédita, implementada em quatro etapas: preservação física dos discos, processamento da informação, digitalização do som e digitalização da imagem da capa. Até hoje, utiliza-se o método na conservação do vasto conjunto de obras do Instituto, que cresce em ritmo exponencial por meio de doações.

A lista de parceiros do presidente Ricardo Cravo Albin na expansão do projeto é ampla — vai de Nélida Piñon a Joaquim Falcão, passando por Anna Bloch e Mary Ventura. Patrimônios valiosos, como os pertencentes a Geraldo Casé, Renê Haguenauer, Mario Priolli e Ivon Curi, entre mais de 100 doadores, ajudam a montar a trajetória da MPB. As doações vão desde objetos antigos a gravações históricas — como um encontro de Pixinguinha, Tom e Vinícius no Club de Jazz e Bossa, formado no Rio em 1965.

Hoje, o Instituto representa uma espécie de catalisador cultural da cidade. "A vocação do doador é desprender-se da própria coleção em benefício de outra, em muito superior a sua. Ao agir assim, tem a convicção de alojar os objetos de sua estima junto a quem sabe dar dimensão real ao material recebido", explica a escritora Nélida Piñon. A imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) cedeu sua coleção com cerca de 800 álbuns de MPB. "Renunciei aos meus discos, obedecendo à urgência histórica de incorporá-los à coleção do Instituto Ricardo Cravo Albin. Sabia

INSTITUTO CULTURAL
CRAVO ALBIN
15 anos



"A Rádio Cravo Albin tem sua originalidade explícita: unifica o prazer de ouvir música apenas instrumental e a possibilidade de o ouvinte ser imediatamente informado de detalhes sobre a composição"

Ricardo Cravo Albin

que, à sombra do estudioso, estaria contribuindo para enriquecer o repertório brasileiro e preservar a nossa memória musical", completa.

Dicionário único

Outra iniciativa de peso foi a criação do Dicionário Cravo Albin de MPB (edição conjunta do ICCA com Instituto Antonio Houaiss, disponível em versão impressa e on-line, no endereço www.dicionariompb.com.br. Com cerca de 12 mil verbetes, em constante atualização, a versão digital constitui uma obra de referência para os estudiosos da área. Lá estão incluídos dados relevantes de autores, intérpretes, grupos, estilos e instrumentos. Sem falsa modéstia, a obra é tão monumental que já é considerada o maior banco de dados sobre (qualquer) música popular em todo o mundo.

"A importância da MPB no cenário de nossa cultura é inegável. Pode-se constatar que, além de sua relevância como manifestação estética, tradutora de múltiplas identidades culturais, apresenta-se como uma das mais poderosas formas de preservação da memória coletiva e como um espaço social privilegiado para as leituras e interpretações do Brasil. Por tudo isso, surgiu a ideia do Dicionário Cravo Albin, o único exclusivamente dedicado à música popular do Brasil, iniciado em 1995 pela PUC-Rio, abrigado em 2001 pelo Ministério da Cultura e lançado em 2003 na internet, inteiramente gratuito", justifica Ricardo Cravo Albin.

Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira

Em 2012, o fundador do ICCA decidiu propiciar uma experiência sonora aos usuários da ferramenta on-line. Nascia, assim, a Rádio Cravo Albin. Com ela, a MPB ficou a um clique de distância dos ouvidos de todo o planeta. A rádio digital disponibiliza na internet apenas música instrumental brasileira, do melhor do Choro ao mais eloquente da Bossa

O projeto Música Popular Brasileira nas Escolas (MPB-E)

Nova. Seu bordão: "A única que não toca letra. Só instrumentistas do Brasil".

"A rádio tem sua originalidade explícita: unifica o prazer de ouvir música e a possibilidade de o ouvinte ser imediatamente informado de detalhes sobre a composição, remetendo cada intérprete e compositor ao verbete do Dicionário do ICCA que está sendo objeto de audição. Essa interatividade é o que diferencia a Rádio Cravo Albin das outras on-line", aponta Ricardo.

celebrações

Os Saraus e exposições temáticas, que se realizam desde 2001 nos salões elegantes e nos jardins históricos do ICCA são outras frentes de ação no sentido de preservar a memória do nosso cancioneiro. A proposta surgiu para homenagear grandes personalidades. Donga, Braguinha, Pixinguinha, Mario Reis e André Filho foram alguns dos nomes celebrados. Também nessa linha, Ricardo Cravo Albin montou os Saraus da Pedra, patrocinados pela Repsol YPF. Cada evento era dedicado a um nome consagrado, como Sueli Costa, João Bosco, Roberto Menescal, Marcos Valle, Ivan Lins e Guinga, e tinha seu ápice na inauguração da placa em deferência à estrela da noite — uma espécie de Hall da Fama da MPB.

Em 2008, o ICCA, numa parceria com a Secretaria Estadual de Educação, criou o projeto Música Popular Brasileira nas Escolas (MPB-E), apresentado a partir de seis cortes transversais: Introdução à MPB, o Choro, o Samba, a Música Regional, a Bossa Nova e os Festivais +Contemporaneidade. A proposta contempla ainda seis livretos, seis DVDs e um CD com seis pôsteres. Dois anos depois, a tarefa de zelar pelo precioso acervo da música popular ganhou um novo parceiro. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) abraçou a proposta "MPB, uma Paixão Nacional". O pulo do gato do projeto foi a disponibilização do vastíssimo acervo na internet — o que viabiliza consultas em qualquer parte do mundo. O mesmo banco contemplou em 2015 um outro projeto importante do ICCA, "MPB, a Alma do Brasil". Dois grandes concertos no Rio contam e cantam toda a história da nossa música popular, dos pioneiros Chiquinha Gonzaga e Nazaré à contemporaneidade.

Outra ideia do Instituto para homenagear grandes nomes da música brasileira foi encampada pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio no segundo semestre de 2012. O projeto "Memória MPB: Show e Exposição" teve como tema de sua primeira edição a cantora Marlene. No ano seguinte, o maior compositor de Vila Isabel recebeu uma exposição na sede da Urca, baseada em "No tempo de Noel Rosa — O nascimento do samba e a era de ouro da música brasileira" (Sonora Editora). O livro é um clássico de outro morador ilustre da Vila: Henrique Foréis Domingues, o lendário Almirante, amigo e parceiro de Noel. Em meio a tantas atividades, o fundador não perde o fôlego. "Que venham mais, muito mais aniversários", comemora Cravo Albin, celebrando tantas atividades e louvando os parceiros e beneméritos do ICCA, à testa dos quais ele não deixa de citar a Faperj.

Se segura, malandro!

por **Monica Ramalho**

Reconstruir a trajetória de Bezerra da Silva, por meio de documentário e livro em torno do pernambucano que se tornou a mais completa tradução do malandro carioca, é o objetivo do empresário Daniel de Plá. Para isso, ele vem se aproximando de pessoas que o conheceram e recolhendo depoimentos de compositores que abasteceram o repertório do memorável sambista de Partido Alto. Cada música, segundo o pesquisador, aparece cercada de pequenas histórias fascinantes.

Em 2007, Daniel de Plá estava fazendo um documentário sobre as favelas com 15 arquitetos renomados, entre eles Hélio Pellegrino, Sérgio Magalhães e Pedro da Luz. Quando foi escolher a trilha sonora, só um nome lhe vinha à cabeça: Bezerra da Silva (1927-2005). Em abril daquele ano, subiu o Morro do Cantagalo atrás dos herdeiros do sambista. "Na primeira visita, fui a um baile funk, na Quinta sem Lei, e comecei a conhecer as pessoas da comunidade. Foi quando descobri que deveria negociar a autorização de suas músicas. Nem preciso dizer o quanto me empolguei com a história desse grande cantor e compositor de Partido Alto", diz Daniel.

De lá para cá, o empresário vem usando as viagens que faz a negócios pelo Brasil para garimpar os elepês raros do sambista. Devorou a biografia "Bezerra da Silva – Produto do Morro", uma tese publicada por Letícia Vianna em 1998, e foi se aproximando das pessoas que pertenciam ao círculo de amizades do artista. Já tem cinco coleções de vinis do Bezerra. E vai trocando de capa, de bolacha, de plástico, para que a número um seja sempre a mais completa e preservada. A última é o baú da felicidade dos compositores. "Quando me encontro com eles, levo essa coleção. Dá uma satisfação muito grande quando deixo um compositor escolher um disco com música sua, que emprestou no passado e hoje não tem mais. É emocionante!", vibra.

Está nos planos de Daniel lançar um documentário e um livro a respeito, ainda sem data. "O que estou fazendo é reconstruir a trajetória do Bezerra da Silva contada pelos compositores.

Alguns já se foram, como o Genaro, que está nos álbuns iniciais do Bezerra, mas ainda há muitos por aqui, como Nilo Dias, lenda viva, dono de uma memória prodigiosa. Cada música é cercada de pequenas histórias fascinantes". Com a ajuda dos autores Naval, Criolo Doido, Bimba, Laureano, Aramis, Sérgio Fernandes e Carlinhos Russo, por exemplo, ele está reunindo muito material inédito, garante. Quer destacar justamente o que os pesquisadores deixaram passar até agora, como elepês não catalogados nas discografias do bamba.

"Nenhuma discografia do Bezerra está completa e sem erros. Consegui diversas matérias na Funarte, e um dos compositores, Nilson Reza

Daniel de Plá, desde 2007, pesquisa o legado de Bezerra da Silva para eternizar em documentário e livro o rei da malandragem

Forte, guardou recortes que complementam essa pesquisa. Há bastante informação sobre o Bezerra que as pessoas não usam", diz o minucioso Daniel. Bisneto de fotógrafos, ele comanda a De Plá, que viveu de fotografia convencional nos anos 1990 e chegou a ter 150 lojas no Rio de Janeiro. À frente da empresa, hoje com quatro lojas e um estúdio em Niterói, Daniel ensina marketing para os alunos da Fundação Getulio Vargas, onde atua há mais de duas décadas, e está mergulhado no universo de Bezerra da Silva desde janeiro de 2015. Ele vislumbra, ao menos, mais um ano de trabalho. "Ainda falta entrevistar muita gente, como o Ivan Mendonça, em Brasília, e a viúva do Bezerra, Regina, que mora no exterior". Já conversou com mais de 40 pessoas, entre taxistas, produtores e criadores de letras que, hoje, seriam facilmente tachadas como "proibidões". Bezerra fez fama no Partido Alto — que lhe foi apresentado por Alcides (pai de Sérgio) Fernandes, parceiro de Tom Jobim no seminal "Solidão" —, mas poderia muito bem ser um MC pela poética do morro e dos excluídos que dá a tônica da música que escolheu cantar.

sambandido

"Bezerra da Silva representa o que o James Brown foi para a cultura americana. Aqui no Brasil, é um dos músicos mais respeitados dentro da cena hip-hop", sentencia Marcelo D2 no filme "Onde a coruja dorme" (2012), de Márcia Derraik e Simplício Neto. Dois anos antes, o rapper lançou "Marcelo D2 canta Bezerra da Silva", seu quinto álbum de carreira. No roteiro, está o que ele considera o filé mignon da obra do sambista que cantou de um modo muito particular a vida nas favelas cariocas, como "Se não fosse o samba", "Malandragem dá um tempo", "Pega eu" e "Minha sogra parece sapatão", num estilo que ficou conhecido na mídia brasileira como "sambandido".

Até 1983, quando Bezerra lançou o "Produto do Morro", as capas são acima de qualquer suspeita, apesar de já existirem algumas faixas com a temática mais controversa. "Aqui começa a série em que, em vez de questionar a imprensa, ele e a gravadora, no caso a CID, investem em capas confirmando essa crítica. E são capas divertidíssimas, como a do caguete apontando ao PM o criminoso, no caso, o próprio Bezerra, no 'É esse aí que é o homem', de 1984. Isso é visão de marketing", analisa Daniel. No ano seguinte, Bezerra aparece na capa do elepê "Malandro rife" ostentando um revólver. "Hoje ele teria, com certeza, problemas na justiça por fazer apologia ao crime", observa.

Na entrevista para Carioquice, Daniel discorre sobre Bezerra como se fosse um amigo íntimo. "Ele, muito levado desde pequeno, já

queria ser músico aos oito anos, em Recife. Nas comunidades, era respeitado. No Cantagalo, por exemplo, um bandido voltou da prisão e foi cobrar uma taxa dos moradores novos. E Bezerra não deu nada. Dois dias depois, o bandido cobrou novamente, e o Bezerra fez? Bateu no mau elemento. Ele tinha uma técnica: apanhava um pouco e, depois, acabava com a pessoa. Era muito forte. Bezerra aprendeu a malandragem com a Glorinha, uma bonita mulher, no morro – até conhecer Ilma, mãe de seus três filhos." Bezerra usava vários pseudônimos para assinar os sambas que compunha com os parceiros. Zaba, Zé do Galo, Da Silva e José Bezerra são alguns deles. Há nomes criados para pessoas que não podiam aparecer por diversos motivos. Os compositores que deviam às gravadoras mudaram de nome também. Se eles se identificassem, não veriam a cor do dinheiro.

171 convertido

Daniel é um homem culto, gentil e perspicaz. Na sala do seu apartamento em Ipanema, um painel composto por três telas retrata o cotidiano das favelas. "A quantidade de pessoas sofisticadas que são amantes do som do Bezerra da Silva, pelo conteúdo dessas letras, é imensa. Ele interferia mais ou menos em cada música. Tudo começava quando decidia quais seriam destinadas à vala, onde ficavam as fitas cassetes das músicas que não queria."

O processo era sempre o mesmo: para escolher o repertório, pegava o gravador e ia até os melhores compositores, que moravam nos morros. Depois, em sua casa, fazia uma reunião com outros autores. "Soube que pessoas ricas já ofereceram dinheiro para serem gravadas por ele, que não aceitou de jeito nenhum. A felicidade desses criadores mais simples de terem as suas músicas imortalizadas na voz do Bezerra é indescritível", pontua o empresário.

No final da vida, Bezerra converteu-se à igreja evangélica. Alguns dizem que foi por causa da morte de um filho, logo ele, que na juventude havia tentado o suicídio e sido salvo por um Pai de Santo. O fato é que o derradeiro CD do artista "Caminho de Luz", de 2004, se dedicou totalmente à nova religião. "Bezerra foi '171' até na hora de morrer. Partiu em 17 de janeiro de 2005, uma segunda-feira, para deixar os amigos e familiares aproveitarem o fim de semana", comenta Daniel de Plá. Numa das cenas do documentário que está sendo filmado, o MC Gil, abraçado a um dos filhos do cantor, interpreta com humor o que pensa sobre o assunto: "Um dos maiores malandros / que conheci na minha vida / tinha nome e sobrenome / se chamava Bezerra da Silva / aquele foi malandro até no dia que morreu / antes de partir pra outra, Bezerra se converteu". É a malandragem mais genuína elevada aos céus.

COMBINA BEM COM COXINHA E MORTADELA.

RIO CARIOCA.
O ESPÍRITO CARIOCA
ENGARRAFADO.

BEBA COM MODERAÇÃO. E EM PAZ.

11:21 SIMPLICIDADE CRIATIVA

Mestre da delicadeza

por Mônica Sinelli

Teatro, cinema, televisão, tudo se converte em meio perfeito quando a paixão absoluta é interpretar. Com mais de meio século de uma carreira premiada, ele mantém o brilho nos olhos do menino que cedo, nos fundos da Igreja Santa Teresinha, em Copacabana, descobriu a vocação que o tornaria um gigante na cena brasileira. Carioquice aplaude Marco Nanini de pé, ator maior, que em nossa cidade iniciou uma trajetória intensa, cujos 50 anos serão comemorados no segundo semestre do jeito que ele gosta: em cima do palco.

Nascido no Recife, em 1948, Marco Antônio, filho do gerente de hotéis Dante Nanini, desembarca no Rio uma década depois para acompanhar o pai, que vai trabalhar no Hotel Regina, até hoje instalado na rua Ferreira Viana, no Flamengo. Com 13 anos, o garoto já dá expediente na estalagem e, bem a contragosto, escolta a mãe nas idas à Paróquia de Santa Teresinha, perto do Túnel Novo, em Copacabana. Pelas mãos caprichosas do destino, nessas excursões forçadas, D. Maria protagonizará um papel determinante na vida do filho. Os rituais litúrgicos vão evoluindo, a missa passa a ser ordenada em português, e os fiéis já podem ir até o púlpito ler as epístolas.

"Eu me candidatei a falar, evidentemente — ri o hoje consagrado ator Marco Nanini. Gostei daquilo, a ponto de frequentar aos sábados as aulas de uma excelente professora de voz para os oradores. E, no fundo da igreja, havia um auditório, em que estavam montando uma peça muito mambembe, chamada 'O bruxo e a rainha'. Fiquei amigo do pessoal, inclusive do Pedro Paulo Rangel, observando como trabalhavam. Acabei estreando, em 1965, no papel do bruxo. Era só uma ceninha — porque ele logo virava um príncipe, interpretado, claro, pelo dono da companhia — e com apenas dez pessoas na plateia. Mas eu, que nunca tinha pisado num palco, senti uma emoção inesquecível. Adorei tanto aquela loucura de se acreditar numa fantasia que depois escrevi e encenei 'Floresta encantada', por conta dessa revolução que aconteceu comigo."

Fotos: Arquivo pessoal

Aos seis anos de idade

"Beije minha lápide" (2014)

Divulgação

"Desgraças de uma criança" (1973)

Nanini protagonizou uma sucessão de peças que marcaram a cena da efervescente década de 70

Tempo de comédia

Tomado pela epifania, o rapaz entra para o Conservatório Nacional de Teatro. Um professor de improvisação, Martins Gonçalves, monta, em 1966, "Salomé", de Oscar Wilde, e o chama para uma participação. "Depois de trabalhar no Plaza e no Riviera, em Copa, ambos hotéis do dono do Regina, tinha feito prova para um banco na Rua Sete de Setembro, e não sei por que me aceitaram, pois não sabia fazer contas. Fiquei em pânico, rodava todas as seções e não dava certo em nenhuma, somente na comunicação com o público. Mas comecei a tumultuar também justamente onde era bom, já que a fila na qual eu atendia ficava empacada. Fui então para o departamento de Desconto, em que os empréstimos eram concedidos. Precisava efetuar o balanço no fim do mês. Passava a noite inteira em cima dos cálculos e não os fechava nunca. Resolvi largar o emprego."

Em 1969, no Conservatório, por causa das aulas de esgrimas, é levado a fazer figuração — como ordenança do personagem de Jardel Filho — em "A ponte dos suspiros", novelão de capa e

Arquivo pessoal

"Uma noite na lua", 1998

Carol Sachs

"Pterodátilos", 2010

espada da TV Globo assinado por Stela Calderón, um pseudônimo de Dias Gomes. "Nisso, entram as artimanhas da vida. O ator Dary Reis, que marcava as lutas, me falou sobre substituições previstas no espetáculo "A viúva recauchutada" da Dercy Gonçalves – e perguntou se eu topava assumir o papel de amante dela. Fui estudando o texto no intuito de não ser pego de surpresa, e nunca me chamaram para ensaiar. No dia da estreia, eu, um galeto, ainda não tinha sido apresentado a ninguém, nem à própria Dercy. Sem boa noite nem nada, entrei em cena sem saber o que fazer, com o Teatro Serrador abarrotado. Depois ficamos amigos, ela jogava muito e me levava junto para os clubes. Dercy me ensinou coisas que eu não poderia aprender de outra maneira, como o tempo de comédia, e me fazia executá-las na hora e ao vivo."

No ano seguinte, Marília Pêra, em plena ascensão, chama Marco Nanini para o espetáculo que irá produzir – "A vida escrachada de Joana Martini e Baby Stompanato", de Bráulio Pedroso, um sucesso estrondoso no lendário Teatro Ipanema. A partir dali, ao despontar como revelação, ele protagonizará uma sucessão de peças que marcarão a cena da efervescente década de 70,

a exemplo de "Cordão umbilical" (de Mário Prata), "As desgraças de uma criança" (Martins Pena), "Pano de boca" (Fauzi Arap) e "Deus lhe pague" (Joracy Camargo). Em paralelo, vai emendando novelas ("O primeiro amor", "Carinhoso", "Gabriela", "O bem amado") após participar de "O cafona", em 1971, escrita pelo mesmo Bráulio. Dez anos depois, volta a atuar ao lado de Marília em "Doce deleite", um clássico do besteirol. Mas é com "Mão na luva", de Vianinha e dividindo a cena com Juliana Carneiro da Cunha, em 1984, que experimenta um momento novo na carreira. "Foi uma peça muito importante para mim, porque era totalmente dramática. Falei para o diretor, Aderbal Freire Filho, que não saberia fazer o papel — e o fiz jurar que eu conseguiria interpretá-lo", brinca Nanini. "Gosto de drama, mas as pessoas me tacham de comediante."

Guiness

Em 1986, ele estreia com Ney Latorraca, no Teatro Casa Grande, "O mistério de Irma Vap", um sucesso retumbante na carreira da dupla, que se alterna na performance de 16 personagens, obedecendo uma velocidade insana na troca de figurinos. O fenômeno de público entra para o Guinness Book, ao permanecer em cartaz por 11 anos ininterruptos com o mesmo elenco. "Chegou um ponto em que disse ao Ney: Estamos num dilema. Ou a gente acaba com a peça ou ela acaba com a gente. Vamos esperar minguar isso tudo, até o último espectador, para ir embora? Precisamos ter uma coragem aí. Ele topou encerrar espetáculo. Passei os meus 40 anos fazendo Irma Vap. No período, conheci Fernando Libonati, que se tornou meu sócio como produtor." Ao longo desse tempo, dirige peças como "Fulaninha e Dona Coisa", "O médico e o monstro" e "As regras do jogo".

No ano de 1998, Nanini protagoniza "Uma noite na lua" e, na sequência, "Quem tem medo de Virgínia Woolf" (em 2000, ao lado de Marieta Severo), "A morte do caixeiro viajante" (2003), "O bem amado" (2007), "Pterodátilos" (2010) e "Beije minha lápide" (2014). Paralelamente, atua em importantes filmes da retomada do cinema brasileiro, como "Carlota Joaquina" (interpretando D. João VI), "O auto da compadecida", "Copacabana" e "Lisbela e o prisioneiro". "E, depois de ter passado 11 anos numa mesma peça, jamais imaginaria ficar outros 13 em 'A grande família' (TV Globo, de 2001 a 2014), prevista para ser uma série de 12 episódios. Lineu foi um amigaço que fiz, um personagem tão generoso. Nunca me incomodou em nada. Fui descobrindo-o, até no modo de vestir — queria uma coisa bem sem vaidade. Foi gostoso fazê-lo, percebendo aos poucos detalhes que poderia incluir na cena. Coloquei-o como meio de campo, e não um agente da comédia de situação. Como a família teria credibilidade se eu começasse a fazer um monte de palhaçada?", explica Nanini, que participou, igualmente, da primeira temporada da "TV Pirata" e da série "A comédia da vida privada".

No momento, ele está de volta às novelas, após longos 16 anos, como o surpreendente Pancrácio de "Êta mundo bom". "O personagem é delicioso. Além de achar a história, inspirada no clássico 'Cândido', de Voltaire, interessante, tenho carinho especial pelo horário das seis, no qual fiz várias obras, como 'A moreninha' e 'O feijão e o sonho'. Estou adorando. Quando interpreto, busco estar com a emoção fluida. Para que ela apareça, tenho que me abrir, não posso ficar me vigiando, cobrando. Por isso, preciso fazer um trabalho de pesquisa amplo, com a intenção de demarcar pelo menos os limites que o personagem pode atingir. Aí, deixo-o meio solto, senão fica tudo muito cerebral." Ao mesmo tempo em que atua na novela, Nanini prepara a montagem de "Ubu Rei", do francês Alfred Jarry, com a Companhia Atores de Laura e direção de Daniel

Arquivo pessoal

Com Fernando Libonati, no Instituto que criaram juntos

Herz, para o próximo semestre. O espetáculo celebrará seus 50 anos de carreira, completados em 2015, pelos quais foi o grande homenageado da cerimônia do prêmio da Associação de Produtores Teatrais do Rio de Janeiro (APTR), realizada em 22 de março no Imperator.

Galpão Gamboa

Na nova peça, Nanini cumprirá um ritual: levar um pequeno altar para o camarim de todos os teatros em que se apresenta, com velas e uma linda imagem de Iemanjá. Os ensaios vão acontecer no Instituto Galpão Gamboa, um velho casarão de três andares na Zona Portuária que Nanini e Fernando Libonati transformaram, a partir de 2006, num projeto social que, através de atividades artísticas e esportivas, gera oportunidades de formação para os moradores da região (vizinha ao morro da Previdência, a favela mais antiga do Rio) — e a cidade em geral. Além de um salão de ensaios, há um teatro, espaço-garagem para shows, ateliê de figurinos, fábrica de cenários e academia de muay thai e ioga. Hoje, o Instituto é uma referência como iniciativa inovadora, ao oferecer uma programação cultural de qualidade a preços populares.

"O Galpão Gamboa me trouxe um outro mundo, conheci muita gente nova. Eu estava ficando meio encastelado", revela Nanini. E esta não é uma força de expressão. Sempre imerso em leituras — à imagem de "Submissão" (de Michel Houellbecq), "O morgado de Ballantrae" (Robert Louis Stevenson) e "Brasil, uma biografia" (Lilia Moritz Schwarcz e Heloísa Starling) —, ele só deixa seu refúgio no alto da Fonte da Saudade para trabalhar ou, em raras ocasiões, ir a japas ou restaurantes como Osteria Dell'angolo, em Ipanema, ou Filé de Ouro, no Jardim Botânico.

Na cozinha, sabe fazer apenas ovo cozido, e assim mesmo "péssimo" — ressalva. Gosta de comida simples, caseira. No dia a dia, vai de feijão, arroz, legumes. "Hoje, por exemplo, comi macarrão com almôndega e pastel de queijo. Mas, de vez em quando, encaro feijoada, vatapá, tacacá. E organizo almoços — abro a piscina, ponho brinquedos — para uma turma de crianças, filhas de amigos e de pessoas que trabalham para mim. Gosto de ver as crianças, são fontes de inspiração, com a ingenuidade, a irreverência e a franqueza que as caracterizam. E também adoro bichos. Plantei árvores frutíferas para os passarinhos", conta Nanini, na casa onde vive há 28 anos, cercado por oito cachorros — inclusive da raça rodesiana, "de temperamento muito bom" — e faz ginástica para manter o exigido preparo corporal em sua arte. Que nos encanta há meio século, desde que encarnou o bruxo, seu primeiro personagem — e ainda hoje citado como o mais impactante de todos. Pois foi com ele que sentiu a centelha primordial de emoções que o forjou um ator maior.

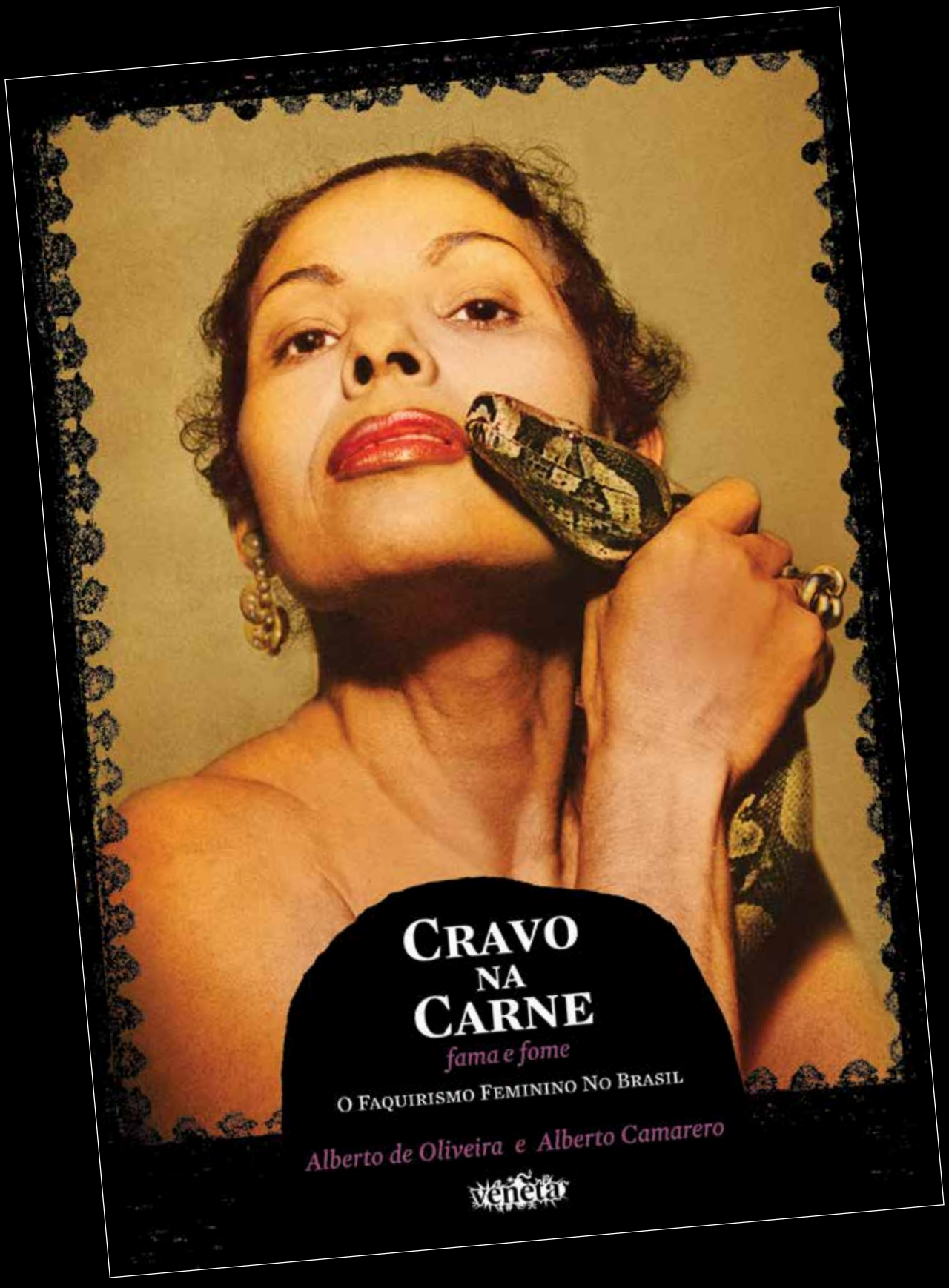
Damas famélicas

POR MÔNICA SINELLI

Embora esquecida hoje em dia, a arte do faquirismo feminino foi muito popular no Rio de Janeiro entre os anos 20 e 50. É o que resgata "Cravo na Carne – Fama e Fome", com histórias de mulheres que permaneciam durante semanas em caixões ou urnas de vidro, por vezes deitadas em camas de pregos ou cacos de vidro e não raro enroladas em cobras, expostas ao público em provas de jejum.

Escrito pelos pesquisadores Alberto de Oliveira e Alberto Camarero, o livro (Editora Veneta), premiado pela Funarte, reconstitui o perfil de 11 mulheres que se dedicaram ao faquirismo no Brasil e, notadamente, no Rio, trancafiadas 24 horas por dia, pelo período que durasse o suplício voluntário — e às vistas da plateia, que pagava para vê-las. As urnas eram lacradas com cadeados protegidos por fitas adesivas, que garantiam que não haviam sido violados. Tudo fiscalizado por policiais e repórteres em tempo integral. Elas deixavam transparecer nos exóticos espetáculos uma aura de mistério e tragédia que também envolvia suas vidas pessoais. Afinal, quem eram as moças vanguardistas que se entregavam à esdrúxula prática, numa época em que ser atriz ou cantora já provocava a censura da sociedade? No intuito de desvendar esse universo, os dois autores se debruçaram sobre os materiais veiculados na imprensa e pesquisas em acervos públicos.

"Foram quase quatro anos mergulhados nesse projeto. Encontramos parentes de todas as que jejuaram a partir de 1955. Poucas famílias, porém, sabiam histórias a respeito de suas antepassadas faquiresas. Para algumas, o assunto é tabu até hoje, tanto que recebemos vários pedidos para não revelarmos os nomes reais delas e também nada que possa ligá-las a seus descendentes atuais. Raros tinham relatos para colaborar, pois geralmente elas viviam suas carreiras longe de suas famílias e pouco falavam sobre o assunto. Mas a pesquisa não para por aqui. Queremos agora realizar um documentá-


CRAVO
NA
CARNE
fama e fome
O FAQUIRISMO FEMININO NO BRASIL
Alberto de Oliveira e Alberto Camarero
vinheta

Sandra

Suzy King

"É esta a maior e mais interessante novidade da época", publicava o jornal "A Noite", em dezembro de 1922

rio sobre as faquiresas", adianta o historiador Alberto de Oliveira.

A saga remonta ao início da década de 20. "É esta a maior e mais interessante novidade da época. Com a sua primeira jejuadora, o feminismo marcará mais um tento aos seus ideais de liberdade", publicava o jornal "A Noite", em 16 de dezembro de 1922, a respeito de Rose Rogé, parisiense que se estabelecera como dona de pensão na Rua Voluntários da Pátria. Acusada de simular um estrangulamento em si própria com a intenção de incriminar um padre que se hospedara em sua estalagem e por ela ("conhecedora de todos os truques diabólicos", segundo o sacerdote, e "bela demais para mulher honesta", na versão de "O Paiz") se apaixonara, Rose — mesmo tendo feito exames de corpo de delito, a polícia e a imprensa não lhe deram crédito —, perdeu tudo o que tinha. E a solução encontrada para escapar à miséria foi se lançar como faquiresa. "O Paiz" também depositava o acontecimento na conta de uma grande conquista feminina: "Nos últimos dias deste mês, o público do Rio poderá assistir a um espetáculo sui generis. Trata-se nada mais, nada menos de uma senhora que será 'sepultada viva' em um de nossos teatros (...). Rose Rogé, assim se chama a arrojada senhora (...). O sexo fraco caminha."

O exótico evento, que só ocorreria no mês seguinte (janeiro de 1923), ganhou as páginas do "Correio da Manhã", sob a manchete "Uma enterrada viva — Madame Rogé vai se submeter

Gitty

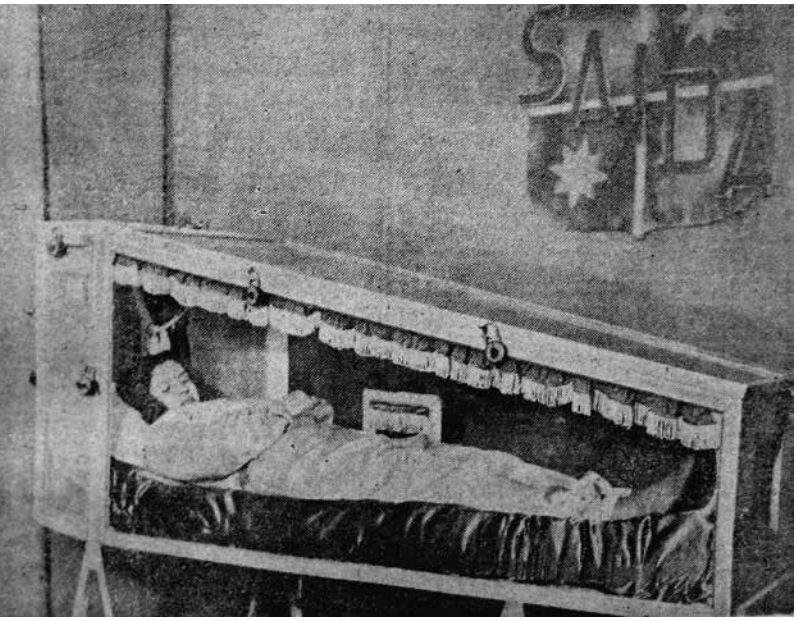
A prova da alemã Gitty não se limitava à modalidade "enterrada viva": já incluía a urna de vidro das faquiresas estrangeiras

a um jejum de oito dias". O "Jornal do Brasil" contou como seria: "A urna funerária (com Rose Rogé dentro dela) será fechada e a chave ficará sob a guarda de uma comissão de representantes da imprensa, seguindo para a Avenida Rio Branco, a fim de ficar exposta ao público no edifício do Cinema Central durante esse longo período. Aproximando-se o dia de tão arriscada prova para a senhora Rose Rogé, aprouve-nos ir procurá-la (...) — Arriscada?! Não há risco algum. Ao término da mesma, tenho razão sobeja para lhe assegurar, nada mais sucederá que um natural depauperamento orgânico. Os efeitos da fome, bem assim como os da sede, deixam de ter as fatais consequências que a ciência lhes atribui, uma vez que possamos educar o físico, preparando-o, por exercícios contínuos e bem orientados, para a prova a que vou submeter-me" — explicou a jejuadora, então com 29 anos. Porém, ressalvou, "nem todas as organizações poderiam resistir a tão rigoroso, quão paciente treino (...). É neste particular que está o interessante da minha resolução, que tem o sabor da novidade, visto como nenhuma representante do meu sexo, até hoje, que me conste, se abalançou a pôr em prática semelhante ideia." O jornal frisava que a prova de Rogé, "que está despertando todo o interesse, será um dos mais emocionantes espetáculos que se tem dado nesta capital." Ela ficou enterrada dois metros abaixo do solo no Cinema Central, num caixão de madeira com tampo de vidro. Com o evento em curso, notas na imprensa sinalizavam que "já se começa a desenhar um completo sucesso ao seu empreendimento audacioso" e que ao saguão do Cinema Central continuava "a afluir um grande público".

a indiana alemã

Cinco anos depois, começou a se apresentar no Rio a alemã Gitty, que igualmente mereceu alarido na imprensa. Com a diferença de que não se limitava à modalidade "enterrada viva". Sua prova já incluía a urna de vidro das faquiresas estrangeiras — embora não se falasse ainda em cobras nem em cama de pregos ou de cacos de vidro. Em 20 de março de 1928, o "Jornal do Brasil" anunciava: "Está no Rio e pretende passar dezoito dias sem comer, encerrada em uma caixa de vidro, a jejuadora alemã Gitty." No dia 3 de abril, "O Paiz" registrava: "Miss Gitty, sorridente, penetrou na caixa, recebendo então os votos de sucesso da imprensa carioca (...). Todos os atos foram efetuados sob a vigilância da polícia, de maneira a não deixar dúvidas sobre a regularidade da experiência."

Mal imaginava ela, durante o martírio, que



Zaida

Yone

circulavam rumores de que estaria sendo ludibriada pelos empresários: quando deixasse a câmara de vidro, encontraria não lucros, e sim dívidas contraídas em seu nome. Os empresários acabaram na delegacia, "tudo se explicou claramente, ficando, entretanto, doravante, as rendas sob a fiscalização", de acordo com a "Gazeta de Notícias" de 15 de abril. No dia anterior, "A Noite" reportava: "Aquela mulher que se diz indiana, a alemã Gitty, que está jejuando há longos dias, fechada numa urna de vidro, está na ordem do dia dos casos rumorosos. Transformaram madame Gitty, nome com que a jejuadora se 'crismou', numa verdadeira 'cabeça de turco'. Fechada na sua urna transparente (...), bebendo calmamente águas minerais e fumando deliciosos cigarros de fumo louro, não sabe, talvez, madame Gitty a embrulhada inominável que anda cá por fora em torno da sua prova de jejum. Hoje, pela manhã, até a polícia foi obrigada a movimentar-se, intervindo no caso e detendo, para averiguações, na rua da Carioca, 26, onde se exibe Gitty, seus empresários, também alemães."

Em outubro de 1929, a "indiana" alemã se retiraria de cena, ao não dar cabo do heroísmo

A mudança da capital para Brasília, os ares de modernidade que caracterizaram a virada dos anos 50 para os 60 e o regime militar foram determinantes para o ocaso do faquirismo feminino no Brasil

a que havia se proposto: daria dez contos de réis a quem provasse que estava se alimentando durante nova exibição. E mais: ficaria agora sem comer por 30 dias, prazo reduzido a 17 pela polícia, ante o laudo dos médicos que a examinaram. Mesmo assim, não deu conta do recado. O "Jornal do Brasil" de 3 de novembro, sob o título "O fracasso dos mistérios da Índia — A jejuadora da rua da Carioca não resistiu à fome",

publicava: "Ontem à noite, a assistência médica foi chamada a socorrê-la, tal era o seu estado de inanição. Levada ao posto central, foi socorrida com injeções fortificantes e ali, ficou em repouso, retirando-se mais tarde para a sua residência."

a Pioneira nativa

Ainda que outras provas de jejum tenham se realizado por mulheres naquele período, o Brasil só encontraria sua primeira grande faquiresa em junho de 1955, no Rio de Janeiro, quando se começou a falar em Rossana. Ela açambarcava todos os ingredientes que constituiriam o modelo clássico das representantes nativas — cabeleira loura (mesmo que oxigenada), urna de vidro, cama de pregos ou caco de vidros (esta opção, no seu caso), cobras e, como tempero indispensável, uma vida pessoal turbulenta. Aos 25 anos, ganhou a primeira página do "Diário Carioca" e "A Noite". Este, sob a manchete "Vai jejuar de maiô a faquir", mostrava uma foto de Rossana "exercitando o uso de múltiplos maiôs para ambientar-se à futura indumentária profissional, negra, justa e de cetim". E "com a firme disposição de jejuar ou morrer, num leito de cacos de vidro, se não conseguir alcançar sessenta dias de resistência orgânica aos alimentos sólidos" no Cineac Trianon, no Centro da cidade. Mas acabou por se apresentar vestindo uma "fechada e austera roupa de bailarina", segundo o "Diário Carioca" de 5 de agosto, na companhia de "quatro cobras audazes que se exibirão em trapézios volantes".

No dia 10, ela declarava à "Imprensa Popular": "Desde garota, fui alucinada pelo faquirismo. Meus pais desejavam que eu me formasse professora; cheguei a fazer o ginasial, mas a minha vocação era outra, como vocês veem." Pois foi justamente naquele mesmo dia que veio a sofrer um profundo corte na mão direita com um caco de vidro de seu colchão. Até que, a 29 de agosto, "A Noite" estamparia: "Rossana deixou a urna de vidro, depois que uma violenta crise

Mara

Rossana

nervosa, consequente de sucessivos abalos e contrariedades diárias que invadiam a urna". Durante a madrugada, médicos que haviam sido "chamados ao local para atender-lhe uma crise de choro, disparos no coração e paralisia das pernas, constataram a imediata necessidade da suspensão do jejum". Mesmo abandonando a prova, Rossana — da qual se dizia estar sofrendo conflitos sentimentais — "foi muito aplaudida pelo público que diariamente ali acorria para observá-la". O padre Artur Costa assinalaria em sua coluna no jornal carioca "A Cruz": "Ora, o pensamento de Rossana se descontrolou facilmente, e acredito que, entre outras razões de maior transcendência, terá também contribuído para esse descontrole a falta de um bifezinho com batatas." No dia 28, ela voltaria às capas dos jornais, desta vez com chamadas trágicas: "Matou-se Rossana, a mulher faquir" ("A Noite"), "Morreu de amor a bela faquiresa" ("Diário da Noite") e "Rossana morreu de coisas do coração" ("Última Hora"). Ela se suicidara, abrindo os bicos de gás do banheiro de seu apartamento em Copacabana.

No Brasil, ainda em 1955, recapitulam os autores, Mara, em sua exibição no Rio, parece ter sido a primeira faquiresa a ser assim chamada. O termo passa a nomear todas as jejuadoras surgidas a partir de então até o final da década, quando a prática do faquirismo feminino se extingue no país. Em 17 de novembro, Mara foi encerrada em sua urna de vidro no Cineac Trianon para uma prova de 60 dias, com o objetivo de bater o recorde mundial feminino de jejum (de 56 dias, pertencente à francesa Yvette). Ao jornal "A Noite", afirmou que apagaria "a má impressão deixada" e demonstraria "ao mundo a fibra da mulher brasileira", uma alfinetada no fracasso de Rossana meses antes.

A 22 de novembro, um artigo em "Última Hora" divagava sobre a exibição de Mara: "Eis aí o aspecto mais trágico do caso: a mulher que se propõe a leiloar a própria beleza sessenta dias. Aos olhos da cidade, que desfilará diante do caixão, pouco a pouco, trocará suas formas de miss qualquer coisa por pelancas quase obscenas. Cada quilo de beleza perdida a aproximará cada vez mais da imagem da bruxa de 'Branca de Neve e os sete anões' (...). Justificaríamos o faquirismo de um bofe. Mas, convenhamos, é de amargar assistir à 'morte' da louríssima Mara, que troca a areia de Copacabana por pregos que não têm mais tamanho e os sorvetes de casquinha pela laranjada rala e sem açúcar."

Mas o final do espetáculo foi apoteótico, à imagem do que publicou "A Noite": "A despeito de seu estado geral, acusado por seu médico assistente, apresentar astenia e pele ressecada, o que demonstra sua grande carência de proteínas, vitaminas, sua beleza, como um milagre, se apresenta aos olhos de todos fulgurante." Em 16 de janeiro, Mara completava 60 dias de jejum, batendo o recorde da francesa Yvette. Depois dela, a figura da jejuadora profissional se tornou mais popular em todo o território nacional, até que, pouco tempo além, a atividade entrasse em declínio. A vedete Suzy King teria sido a última faquiresa a se exibir no país, em 1959, na Galeria Ritz (Copacabana), onde passou 53 dias encerrada. "A Noite" já decretava o desgaste desse tipo de performance, enfatizando que Suzy "pretendia explorar o povo com um espetáculo de jejum, desses bem manjados". A mudança do Distrito Federal para Brasília, a bossa-nova e os ares de modernidade que caracterizaram a virada dos anos 50 para os 60, além da instalação do regime militar, foram, na interpretação dos autores de "Cravo na Carne", determinantes para o ocaso do faquirismo feminino no Brasil. Não se encontraram nas pesquisas notícias sobre outras provas de jejum realizadas por mulheres aqui a partir de 1961.

NOTÍCIAS QUE VALEM DINHEIRO!

50 ANOS DE INFORMAÇÃO EXCLUSIVA

ASSINE

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

www.relatorioreservado.com.br

www.facebook.com/relatorio.reservado

Fazedor de fazimentos

por João Penido

Jornalista, curador de museus e exposições e ex-presidente da Fundação de Artes do Rio de Janeiro (Funarj), Leonel Kaz está à frente da Editora Aprazível, dedicada à publicação de obras ligadas a artes e fotografia. Andarilho contumaz e amante das histórias da cidade, assegura já ter percorrido a pé todas as ruas incluídas no perímetro entre o final do Leblon até a Praça da Bandeira. E é um exímio observador do desenho dos bueiros cariocas.

Artes gráficas, pintura, música, literatura, carnaval, um show brega no bairro do Rocha, um bueiro no Leblon, uma partida de futebol. Tudo, absolutamente tudo, merece sua atenção. "Ao Leonel tanto interessa a página estrelada de Mallarmé como a sesta do lagarto no muro" escreveu Carlos Drummond de Andrade numa crônica que lhe dedicou. "Tenho uma curiosidade enlouquecida por qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa", atesta o homenageado pelo poeta mineiro.

Apesar de não entender patavina de futebol, como admite, isso não o impediu de ser o curador, junto com José Serra, do museu dedicado àquele esporte, criado há sete anos no estádio do Pacaembu. É que, sofrido torcedor do América, Leonel considera o futebol uma expressão cultural do país, colocando-o no mesmo patamar da arquitetura de Oscar Niemeyer e da pintura de Tarsila Amaral. "O Museu do Futebol é a história do Brasil contada por meio da paixão pelo futebol — que foi uma rara batalha na qual o povo brasileiro entrou, tomando-o dos ingleses e transformando-o numa coisa própria, numa invenção", define.

Ele é responsável também pela concepção original do Museu de Arte do Rio (MAR) e do Museu do Amanhã. Em meados de fevereiro, chegou da Suíça, onde foi curador de uma exposição no Museu Olímpico, em Lausanne, chamada "Rio, ritmos e diversidade". A mostra reconta a história do Rio de Janeiro a partir da formação

Ao lado de Brizola e Darcy Ribeiro, no Bar Luiz, 1983

Com o governador Marcelo Alencar, de quem foi Secretário de Cultura e Esportes, 1995

mestiça, com o branco europeu, o negro africano e o índio autóctone.

Poder das imagens

Acima de tudo, Leonel é um aficionado por imagens, através das quais gosta de fazer seus relatos. "As imagens são muito ricas e contam a história da cidade em cada época", afirma. A vida profissional começou na Manchete, revista que supervalorizava a fotografia, logo depois de se formar em Direto, em 1969. Lá, ele conheceu o diretor de arte Salvador Monteiro, que lhe mostrou um livro feito à mão, chamando-o de "edição alumbramento", referência a um poema de Manuel Bandeira. A partir daí e até o ano 2000, Leonel e Salvador publicaram pela Editora Alumbramento obras dedicadas às artes, algumas feitas inteiramente à mão, entre eles "Amor, Amores", seleção de poemas de amor de Drummond, e o livro escultura de Frans Krajcberg. Lançara, também, obras sobre a Expedição Langsdorff e os ecossistemas brasileiros, bem como as fotobiografias de Bandeira, Drummond, Mário de Andrade, Jorge Amado e Villa-Lobos. Com o fim da Alumbramento, Leonel criou, com a sócia Nigge Loddi, em 2004, a Editora Aprazível, que mantém a tradição de publicar obras ligadas a artes e fotografia, como as sobre Jean Manzon e José Medeiros, pioneiros do fotojornalismo.

A maior parte de seu trabalho como jornalista, porém, ocorreu na Editora Abril, em São Paulo, na qual entrou e saiu cerca de cinco vezes. A primeira, para dirigir a revista Elle, que estava sendo lançada no Brasil. De volta ao Rio, integrou a equipe que elaborou o livro "A revista no Brasil", comemorativo dos 50 anos da Abril, obra que considera muito importante. Chegou a assinar uma coluna e um blog em Veja, mas, "eles acharam por bem me colocar no olho da rua". Algumas das colunas publicadas atingiram mais de quatro mil compartilhamentos. Uma delas foi sobre Joaquim Barbosa, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), o qual, segundo Leonel, foi perseguido por ser negro e de origem pobre. Outra criticava o desmatamento de um trecho do Parque Nacional da Tijuca para a construção de um hotel nas Paineiras, "uma barbaridade". Leonel sempre esteve ligado a questões ambientais da cidade. Em 1979, iniciou um trabalho em defesa de uma figueira localizada na Rua Faro — um dos 14 endereços em que já morou no Rio —, que culminou com a fundação da Associação de Moradores e Amigos do Jardim Botânico. Era uma árvore monumental, em vias de ser derrubada. Depois de três anos de luta, a figueira tornou-se o primeiro bem natural tombado no Brasil.

Durante um curto período, o editor atuou

como subsecretário de Meio Ambiente do segundo governo Brizola. Porém, admite que perdeu "para a indústria da construção civil e interesses políticos mesquinhos" a maioria absoluta das lutas que travou em defesa do patrimônio do Rio. "Vi, ao longo dos anos, a destruição impiedosa das embaixadas da Itália e da Argentina e de tantos prédios extraordinários da cidade", diz, carregando a voz na palavra impiedosa e sem esconder uma ponta de raiva.

Salvador Monteiro, Carlos Drummond de Andrade e Leonel Kaz, em 1982

Leonel coordena a equipe de pesquisadoras do Projeto Portinari/PUC, 1980

Pitadas de Darcy

O carioca Leonel Kaz nasceu na Casa de Saúde São Sebastião, num dia da pátria: 7 de setembro de 1950. Considera-se "filho dileto de Gilberto Freyre com Sérgio Buarque de Holanda e algumas pitadas de Darcy Ribeiro". Sua mãe era pintora e jornalista. O pai, arquiteto. Inicialmente, morou numa casa na Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras. Ele atribui seus interesses estéticos a um vizinho, o ginecologista e obstetra Paulo Barros, um homem voltado à cultura. "Era o médico das mulheres de todos os artistas dos anos 40 e 50. Cuidava, por exemplo, da esposa de Cândido Portinari — e das amantes de vários outros. Adorava literatura, música, artes visuais. Eu ia sempre com ele ao Theatro Municipal."

Andarilho contumaz, conta que já percorreu a pé todas as ruas incluídas no perímetro entre o final do Leblon até a Praça da Bandeira. "Tenho um fascínio enlouquecido de ficar observando as fachadas, tentar entrar nos edifícios, conhecê-los, olhar as portarias, as janelas, as árvores em volta". Numa de suas andanças, reparou que em quatro quadras da Avenida Vieira Souto havia mais de 70 bueiros diferentes, de épocas distintas, com as marcas da Societé Anonyme du Gás, da Light and Power e da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico. "Vi que cada um contava a história de uma década. Havia bueiros com desenho art déco, art nouveau, modernistas, uma coisa fascinante. A cidade toda é muito rica em referências — e não apenas aquilo que a gente consubstancia através da lei como patrimônio."

PÉROLAS KAZIANAS

"A crise que vivemos hoje, muito mais que econômica ou política, é a das instituições que, ao invés de unir, separam o indivíduo da nação."

"Aqui no Brasil temos na internet uma máquina de propaganda da mediocridade que leva à leitura superficial."

"A desigualdade – aquela mesma que fez o Brasil ter dezenas de novos bilionários nos últimos anos – rege também a lógica da produção da cultura."

"Estamos sendo levados pela correnteza das paixões momentâneas e, de certa forma, destruindo, como o Estado Islâmico, nossos pilares econômicos e culturais que foram construídos com tanta dificuldade e dedicação. Entre eles, o pilar cultural do convívio – uma preciosidade que tínhamos – e que anda sendo arrasado pelo marketing populista da divisão de classes."

"O grande drama do Brasil continua sendo essa tragédia que as populações mais pobres, mais negras, mais mestiças, mais pardas, cafusas, mamelucas, não ascendem socialmente porque não existe uma educação de qualidade."

Pela lente do amor

POR MONICA RAMALHO

Seja em curtas como "Ritos de passagem" e "Damas da noite", ou longas, a exemplo dos bem-sucedidos "Pequeno Dicionário Amoroso", "Amores possíveis" e "Cazuza – O tempo não para", ela tem sempre um olhar carinhoso para os personagens de suas histórias. Após 18 filmes na bagagem, em quatro décadas de carreira, a cineasta Sandra Werneck prepara três novos lançamentos sob o mesmo filtro afetivo: "Amores virtuais", "Os outros" e "O lugar do desejo". Com as impecáveis trilhas sonoras de sempre.

Carioca da Urca, Sandra Werneck lembra da primeira experiência com o cinema, nos idos de 1970. "Foi lúdico. Uma das brincadeiras que mais me encantavam era colocar um lençol na lateral do prédio para passar filmes do Chaplin e as chanchadas brasileiras. Esperava ansiosa para que aquilo acontecesse", diz a cineasta com 40 anos de carreira premiada, englobando 18 títulos e três novos em andamento. Moradora do Leblon há cinco anos, ela sempre volta ao bairro da infância a passeio. "Adoro saber que é a mesma farmácia da vida inteira, cruzar com a tradicional loja de ferragens. No meu tempo, mergulhava da pedra porque a praia não era poluída. Adorava catar marisco ali. Foi onde aprendi a nadar e a andar de bicicleta", rebobina.

Aos 19 anos, Sandra perdeu o irmão Sérgio, de 28, num desastre de avião. Foi o que os livros de roteiros chamam de plot point, um ponto de virada na trama. "Pirei totalmente. Fiquei sem chão e comecei a achar que as imagens poderiam ocupar o espaço daquela angústia. Foi assim que pensei em fazer cinema. Bem diferente de todo mundo", avalia. Dolorida pela ausência, foi passar um tempo na Holanda. "Cheguei lá e encontrei um grupo que fazia cinema. Entrei numa escola que ensinava um pouco de fotografia, outro pouco de cenografia. E me envolvi muito. Foi quando comecei a ver muitos filmes de Fellini, Rossellini, Truffaut. Depois de um ano e meio, voltei ao Brasil, onde não havia faculdade de cinema, mas, felizmente, já existia

Prêmio especial do júri do Festival Internacional de Cinema, em Amsterdã (1991) e homenagem à Sandra no 30° Festival de Gramado.

o Parque Lage, pertinho da minha casa, no Jardim Botânico".

Aluna aplicada, ela fundou o Cine Ave e organizou sessões com películas de Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade, por exemplo, sempre seguidas por debates interessantes, e rodou o seu primeiro filme em Super-8. Nessa época, começou a "carregar lata" para os amigos. Trabalhou de graça em incontáveis produções, assumindo funções as mais variadas, de assistente à produtora, e com essa turma fundou uma cooperativa, a Corsina. Foi quando dirigiu o seu primeiro filme em 16mm: "Bom dia, Brasil" (1976). A equipe funcionava assim: o fotógrafo não cobrava e a câmera era de um rapaz que trabalhava na Embrafilme. O montador, funcionário de uma emissora de televisão, se dedicava ao filme nas horas vagas. Quase custo zero. Os tempos eram, definitivamente, outros.

Obra extensa

Pelos 18 anos seguintes, Sandra Werneck investiu energia em suas ideias e fez um bocado de documentários e curtas que renderam prêmios, entre eles "Ritos de passagem" (1980), "Damas da noite" (1987) e "Canudos – As duas faces da montanha" (1994). "Consegui um financiamento francês para o documentário 'A guerra dos meninos', de 1991, inspirado no livro do Gilberto Dimenstein. Talvez tenha sido o meu filme mais visto, porque era uma coprodução francesa e foi distribuído no mundo inteiro pela televisão". Já "Pornografia" (1992) é um filme-manifesto contra o então presidente Fernando Collor de Mello. Em cena, um casal faz sexo, enquanto o Hino Nacional toca entremeado por frases de impacto que todo brasileiro gostaria de dizer a Collor, em processo de impeachment. "Ao ser exibido no Festival de Gramado, a polícia exigiu que tirássemos o som. Obedecemos, mas o público começou a cantar o Hino. Foi um grande momento", diz Sandra.

Estevam Avellar

Dirigindo Andréa Beltrão, em "Pequeno Dicionário Amoroso" (1996)

Vantoen Pereira Jr.

Durante a realização de "Sonhos roubados" (2009)

"Diferentemente de todo mundo hoje, que estreia fazendo um longa, fiz muito documentário e muito curta até chegar ao meu primeiro longa metragem, 'Pequeno Dicionário Amoroso', de 1996, exatos vinte anos após o documentário inaugural." Aliás, ele seria mais um doc: Sandra chegou a entrevistar várias pessoas, porque queria saber como elas se relacionavam com o amor. Optou pela ficção. Para fazerem juntos uma versão da trama, convocou os roteiristas Paulo Halm e José Roberto Torero. Com o texto em mãos, convidou os atores Andréa Beltrão e Daniel Dantas para filmar algumas cenas. Ninguém esperava, entretanto, que uma gravidez caísse de paraquedas no meio do set — mais doze meses de espera, até o corpo da atriz voltar ao que era. O intervalo forçado foi muito bom. O trio aperfeiçoou o roteiro e descolou um financiamento. "Acreditei que estava fazendo um filminho, quase um documentário ficcional. E, para a minha surpresa, ficou 29 semanas em cartaz, rodou o mundo, foi premiado em festivais e dialogava bastante com o público". Sandra fez essa história porque estava se separando e recebeu e-mails dizendo: "Fui ver o teu filme e tive coragem de me separar". Ou, o contrário: "Vi o teu filme e resolvi bancar a história. Não me separei".

Trilhas no capricho

Na década passada, ela fez os seus filmes mais, digamos, famosos: "Amores possíveis" (2001), "Cazuza — O tempo não para" (2004), "Meninas" (2005) e "Sonhos roubados" (2010). O primeiro, importante para Murilo Benício, que estava surgindo, nasce de um desencontro que gera três

Divulgação

Nas filmagens de "Geleia geral" (1986)

Vantoen Pereira Jr

Ao lado da filha, também cineasta, Maya Da-Rin

Vantoen Pereira Jr

Com o elenco de "Cazuza – o tempo não para" (2004)

histórias, com roteiro de Paulo Halm e música de Chico Buarque, o clássico "Dueto", gravado originalmente por ele e Nara Leão. Chico regravou com Zizi Possi para o filme. "Gosto muito da hora da música. Fico completamente louca procurando composições e testando-as. Acho que todos os meus filmes tem uma trilha sonora bacana".

A cinebiografia do cantor e compositor Cazuza foi a melhor bilheteria nacional de 2004. "Adorei ter feito. Preparei o Daniel de Oliveira e o grupinho do Barão Vermelho por mais de um ano. Fiz o Daniel aprender a escrever poesia, a cantar, a tocar violão e a frequentar o Baixo Gávea". O trabalho valeu: nem os próprios pais do Cazuza souberam distinguir quando era o Daniel cantando." Já "Meninas" e "Sonhos roubados" versam sobre a temática da favela e retratam um período em que Sandra Werneck pensou muito no país "e no futuro dessas meninas largadas no mundo, que engravidam, não por falta de camisinha, mas porque mudam de status dentro da comunidade". Ela ficou apaixonada pelo livro de Eliane Trindade que roteirizou para o segundo filme, que revelou a atriz Nanda Costa. "Ela é uma profissional a quem posso elogiar. Pega os desafios com garra."

O único projeto em que Sandra Werneck apostou e não conseguiu tirar do papel nesses 40 anos de carreira foi um longa sobre a política

Nem os próprios pais de Cazuza souberam distinguir quando era o ator Daniel de Oliveira quem cantava, dublando o filho

Divulgação

Sandra com Walter Carvalho, quando rodava "Geleia geral"

Sandra Werneck trabalha atualmente na produção de três novos longas

Marina Silva. Ela comprou os direitos em 2011, foi diversas vezes a Brasília, conheceu a família inteira da candidata à Presidência da República, fez duas versões do roteiro, escolheu a atriz principal e foi para o mercado atrás de dinheiro. "Bati à porta de mais de 200 empresas, mas não captamos. Marina é oposição, né? Queria contar a história dessa sobrevivente — toda contaminada de mercúrio —, que quase foi presidente do Brasil. Uma pessoa que passava os dias no seringal e se esforçou para aprender a ler. É de uma capacidade que me impressiona. O filme termina quando ela era política no Acre. Quem sabe faço um documentário sobre a Marina mais tarde?", pergunta, talvez a si mesma.

A produção seguinte, "Pequeno Dicionário Amoroso 2" (2014), veio para curar essa ressaca. Andréa Beltrão e Daniel Dantas retornaram ao set para revelar o que aconteceu com Luiza e Gabriel quase duas décadas depois. "É sobre o amor de pessoas maduras de hoje, com os seus pacotes", resume. Ela tem uma filha com dúvidas sexuais. Ele, um filho interessado em mulheres mais velhas, com quem marca encontros pela internet. Esse filme inspirou um dos projetos em que Sandra está trabalhando este ano: "Amores virtuais", novamente uma costura de três enredos. O primeiro tratamento do roteiro já está pronto. Em paralelo, finaliza "Os outros", um documentário sobre pessoas que fazem cover dos cantores Roberto Carlos, Cazuza e Ivete Sangalo. "São personagens incríveis. Cada um, à sua maneira, vive a vida do outro", pontua. O canal GNT entrou recentemente como parceiro, e o filme vai percorrer o circuito de festivais e cinemas, antes de chegar à televisão.

E um terceiro longa-metragem vem sendo roteirizado pela cineasta em parceria com a jornalista Suzana Schild. "O lugar do desejo" é uma trama afetiva familiar que se passa na década de 1970. Está nos planos de Sandra Werneck usar e abusar de material de época, uma novidade em sua obra. "Volto a fazer um longa autobiográfico. Mistura um pouco o que vivi com o que poderia ter vivido". E, o tempo inteiro, não será isso que acontece com todos nós?

Nossa Rainha Elisabeth

POR KELLY NASCIMENTO

São seis décadas de atuação sem perder a ternura. Esse é o intervalo de tempo desde a estreia como atriz de uma alemã de alma carioca. O musical "Banzo Aiê", dirigido por Carlos Machado em 1956, era o começo de uma longeva carreira para Elsbeth Hell Manhardt, que veio parar nos trópicos escapando às adversidades da guerra para tornar-se a exuberante diva Elisabeth Gasper.

"Minha família soube que os russos invadiram a Tchecoslováquia, país em que morávamos. Logo, resolvemos fugir levando alguns pertences de valor", recorda. Durante a fuga, ela, os pais e o irmão — o renomado iluminador Peter Gasper — foram capturados e presos num campo de concentração, na Alemanha. "São memórias terríveis", recorda Elisabeth, que completou 78 anos no mês passado. Por sorte, libertaram mulheres e crianças um ano depois. Foi quando parte da família veio para o Brasil, de navio, desembarcando no Rio com destino a Petrópolis.

Ela tinha, à época, 15 anos. Na cidade serrana, cedo começou a trabalhar como manequim numa fábrica. Inscrita num concurso de Miss Cinelândia pelo patrão, não saiu coroada. Porém, despertou a atenção de um jornalista, que a convidou para trabalhar nos musicais de Carlos Machado. A menina que sonhava em estudar física acabou, então, cedendo ao chamado das artes. "Era muito tímida, mas precisava trabalhar." Ainda em 1956, decidiu adotar o nome artístico pelo qual se tornou conhecida, tendo atuado no filme "Colégio de Brotos", comédia dirigida por Carlos Manga.

Em pouco tempo, entrou para a lista das chamadas "Certinhas do Lalau", seleção das beldades eleitas pelo cronista Stanislaw Ponte Preta, entre as décadas de 50 e 60. Referência, aliás, que ela não curte. "Odeio esse lance de 'Certinha do Lalau'. Não dou valor à aparência, mas sim ao conteúdo. Acredito que a embalagem em que viemos não tem nenhum mérito. Minha trajetória nunca se baseou em aparência física.

Uma das musas do Rio, ao lado de Leila Diniz

Caricatura assinada por Daniel Dias

Me orgulho do que fiz, não do que aparento ser. As pessoas me achavam linda. Eu só era bem maquiada", diz, modesta.

Mas Elisabeth foi, sim, considerada uma das musas do Rio, ao lado de Leila Diniz, de quem lembra com saudades. "Leila era uma moleca, desbravadora, não queria saber de proibições. A gente vivia aquela época com muita naturalidade, não tínhamos noção desse lance de quebrar barreiras." E por falar em listas, a diva foi incluída no livro "Ela é carioca", de Ruy Castro. "Ruy diz que sou 'carioca de samba no pé'. Realmente, sou carioca de corpo e alma." É também uma das estrelas do livro "Dez vidas, meu olhar sobre elas", lançado pelo jornalista e ator Lino Corrêa, em dezembro de 2015. "Meu trabalho tem a ver com a relação de aprendizado e parceria que desenvolvo com cada uma dessas mulheres. São contos biográficos narrados por mim. No caso de Beth, digo que a arte nos uniu. Nós dois somos atores", afirma Corrêa.

tv ao vivo

Outra figura importante na vida de Elisabeth foi o cineasta Glauber Rocha, que a convidou para participar do clássico "Terra em Transe". "Acabei nesse filme por acaso. As cenas já estavam todas rodadas, quando encontrei com Glauber, que me chamou para fazer uma cena de festa. Revi o filme outro dia e o achei lindo!" Ela também lembra de sua primeira aparição na TV, na década de 60. "Era um grande teatro ao vivo. Fui convidada para atuar num drama baseado em obra de Agatha Christie, desempenhando um papel fundamental para desvendar o mistério da trama: uma transeunte com uma única frase, que revelaria o criminoso. Entrei ao vivo e fiquei petrificada. Célia Biar apareceu em cena e me

Com Bibi Ferreira e Lino Corrêa

Gasper e Norma Bengell

salvou. Naquela época, Rogéria ainda se chamava Astolfo e trabalhava como maquiadora", conta.

Mais uma passagem memorável vem do teatro: a temporada de "Roda Vida", de Chico Buarque, em 1968, a pouco da edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5). "Eu representava e cantava na peça, mas num certo dia estava sem voz. Fui dublada durante a apresentação. Vivíamos a ditadura e, no meio do espetáculo, os militares invadiram o teatro e levaram os artistas. Pediram que eu cantasse, e meus colegas disseram que eu tinha perdido a voz. Aí me deram um ultimato: ou cantava, ou seria eliminada. Por algum milagre desses inexplicáveis consegui cantar e fomos todos liberados!"

Na sua visão, o teatro mudou muito: "Antigamente, era levado mais a sério. Hoje, o público, em geral, vai ao teatro querendo ver os artistas da televisão. A cada dia fica mais difícil montar um espetáculo". Mas se engana quem acha que ela lance um olhar nostálgico sobre o passado — ao contrário, entende o mundo das artes de maneira dinâmica. "Arte é arte, pô!", define Elisabeth. Mais carioca impossível.

Sustância na vila

por João Penido

A casa recebeu o batismo de "Siri", mas quem reina por lá é o camarão. Semanalmente, uma tonelada do crustáceo chega ao tradicional restaurante da Rua dos Artistas, próximo à Praça Varnhagen, que faz fronteira entre os bairros de Vila Isabel e Tijuca. Cerca de 80% dos pratos levam os apreciados decápodes, servidos com extraordinária fartura. São tantos camarões que fica difícil dar conta deles de uma só vez.

A solução é levar o que não se conseguiu saborear para casa. Fregueses habituais chegam com seus próprios pirex, a fim de que os garçons — uma dezena deles — acomodem, de boa vontade, as delícias que sobreviveram à gula. Para os demais, o restaurante fornece as populares quentinhas. Nele se originou, há 80 anos, uma rede que começou a ser formada a partir de 1990 e hoje tem filiais na Ilha do Governador, Barra, Freguesia, Nova América, Nova Iguaçu e Niterói.

O Siri da Vila se localiza num recanto simpático, de casas simples e uns poucos prédios pequenos, onde ainda é possível arranjar uma vaga para es-

tacionar. Isso desde que não seja aos domingos e feriados entre 13h30 e 15h30, quando superlota o ambiente capaz de comportar 240 pessoas. Na esquina, três casas dividem o espaço e a clientela. Ao lado do Siri fica o restaurante "O Camarão", aberto há 15 anos. Ele pertence a René Simões, ex-treinador da seleção feminina de futebol, e é administrado por seus familiares. Esse, aliás, foi o motivo pelo qual o Siri não mudou de nome. Em frente, está o "Opção na Brasa", que surgiu há cerca de cinco anos e somente funciona à noite, com exceção dos domingos, quando abre para almoço.

O ambiente simples do Siri convida à descontração. Muitos dos frequentadores vestem camisetas sem manga e sandálias para enfrentar o calor, seja nas mesas internas ou nas instaladas nas calçadas. Não há ar refrigerado. Uma brisa vem de oito grandes ventiladores antigos, mas não consegue dar conta da temperatura escaldante do alto verão. As toalhas de mesa, naturalmente, são de papel, e as paredes de cerâmica, decoradas por cartazes de cervejas — um deles com garrafas de Therezópolis, Hoegarden e Serra Malte — e uma foto das Cataratas do Iguaçu. Mas o que se destaca é o "quadro" de um enorme siri vermelho com o escudo do Vasco.

Extremamente simpático, Luís Carlos, administrador do local há 22 anos, afirma que a casa anteriormente foi uma boate. O documento mais antigo que ele guarda — um alvará da fiscalização sanitária — data de 1938. No início, o Siri abriu como café e bar, só virando restaurante em 1970. Em 1982, quando seu pai, Seu Almeida, hoje aposentado, assumiu o comando do negócio, o estabelecimento era pouco conhecido. Foi preciso "fazer a freguesia", o que se atingiu com dois ingredientes: alta qualidade dos alimentos e quantidade. Muita quantidade.

Em relação ao primeiro item, os produtos servidos são top de linha. "Quando compramos cherne, optamos pelo melhor: o canarinho, não

o furreca", exemplifica Luís Carlos. Os camarões, médio ou VG, vêm do mar, e não de cativeiro, e por isso são mais saborosos. Cozidos com cabeça e casca, mantêm a cor alaranjada. Além disso, armazenam-se camarões, polvos, lulas e peixes separadamente nos 24 freezers existentes na casa. Sim, porque o extenso cardápio inclui ainda risotos e moquecas variados, peixes (cherne com arroz de brócolis, posta de namorado ao molho de camarão, linguado com batatas souté, bacalhau à Gomes de Sá e ao Zé do Pipo) e fritadas.

As porções podem ser grandes, pequenas ou minis. Só não consta na carta que a mini é suficiente para duas pessoas; a pequena dá facilmente para três ou quatro; e a grande pode saciar a fome de cinco ou seis. Em geral, os garçons alertam os fregueses sobre a quantidade servida. O prato de maior saída é o risoto de camarão. Também são bastante pedidos o camarão à baiana com farofa de dendê, o filé de cherne ao molho de camarão e a anchova com arroz de brócolis. Embora 90% dos clientes sejam considerados "de restaurante", há também os "de bar" — igualmente bem-vindos —, que lá vão para bebericar e saborear seus petiscos. Os pastéis de camarão ou siri, o bolinho de bacalhau e casquinha de siri, enorme, podem escoltar o chope bem tirado. A casa abre para almoço e jantar todos os dias. Bom apetite.

Joias recônditas

Fundada pelo jesuíta José de Anchieta, em 24 de março de 1582, a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro guarda relíquias arquitetônicas poucas vezes acessadas pelos cariocas em geral. Aqui, com exclusividade, podemos apreciar ângulos inusitados da instituição filantrópica que há 434 anos atende a população da cidade. Em crise financeira nas últimas décadas, recupera-se agora a joia, sob a presidência do jurista Francisco Horta.

ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

Sorrio para meu Rio

Gisella Amaral
Primeira-dama da noite carioca

Reprodução/Internet

Sou carioca de Copacabana, portanto um "caco" (ca de carioca e co de Copacabana) dessa terra. Soube por meu pai, Alfredo Amaral, que nasceu em 1900, morava no alto da Boa Vista e tinha casa de veraneio em Copacabana, que, quando o Rio era praticamente virgem, ele adorava construir na areia castelos medievais. Uma viagem que fazia aos romances que lia.

Ao casar-se com minha lindíssima mãe Elvira, filha de usineiro e político (foi ministro da agricultura, tendo plantado uma das palmeiras imperiais do Jardim Botânico), o charmosíssimo Alfredinho fez para sua princesa, como dizia, um castelinho igual aos da praia, mas de pedra. Tinha todas as características dos antigos e verdadeiros castelos (creneau, machicoulis, merciere, torres, sino...) — e sem campainha. Minhas irmãs, Sonia e Monica, e eu jamais tivemos chave de casa. Acordávamos toda a rua ao chegar, mas sempre antes de meia noite! Imaginem! Ainda hoje existe a edificação firme e forte, modificada e abrigando seita religiosa japonesa! Fica na Rua Azevedo Pimentel, uma das poucas que não têm saída para a praia. Aliás, na época éramos conhecidas como as meninas do castelinho!

Obrigada, Américo Vespúcio, que já em 1503 construiu em pedras a casa de branco carioca, como era conhecida, bem ao lado do rio que ganhou o mesmo nome. Obrigada, Estácio de Sá, por nos fundar! Obrigada à índia que cruzou com um português e nos deu o carioquinha! Obrigada, Bonaparte, por despachar a Família Real Portuguesa para nós, que a acolhemos com tanto carinho! Conviver com imperadores, príncipes, toda uma corte; frequentar palácios foi um privilégio. Tivemos a oportunidade de ter sido a única capital imperial das Américas! Obrigada ao rei Sol, que generosamente nos ilumina o ano inteiro, esbanjando energia, descontração e alegria pelas praias e carnavais. Aliás, somos os criadores e os melhores apresentadores do samba com luxo e beleza, atravessando impunemente qualquer crise política e econômica.

Obrigada à natureza que nos proporciona o mais fantástico recorte e a moldura de morros e montanhas, do verde do mar e das plantas. Sem falar de nossa floresta tropical urbana, emaranhada com trilhas e grutas misteriosas. E o céu azul forte ou marinho, ricamente pintado com estrelas colegas da Dalva, das Três Marias e do Cruzeiro do Sul. As cores de nossa bandeira! Obrigada a Cristo, que carinhosamente abre os braços para nos acolher, proteger, compreender e perdoar com a ternura de pai! E nos pedindo com pressa tempo de justiça, paz e amor. A começar por nossos corações, assumindo a responsabilidade de trazer o excluído para sentar à mesa da fraternidade. Precisamos entender o que Ele nos ensina do mais alto ponto da cidade. Vamos nos ajudar, dar as mãos como irmãos nesta mistura de raças, cores e culturas, fazendo um pacote amorosamente humano, embrulhado em piada e com a alegria típica de nossa carioquice!

SABE AQUELA
ALEGRIA
DE ENCONTRAR
UM WI-FI ABERTO?
MULTIPLIQUE
POR 2 MILHÕES.
oi
Oi WiFi. Mais de 2 milhões de pontos de acesso pelo Brasil para você se conectar. Você acessa a internet de vários lugares usando o seu smartphone, tablet ou notebook, sem gastar a sua franquia de dados.
ACESSE OI.COM.BR/OIWIFI

WMcCANN | BRADESCO
Mais do que dar dicas
de investimento,
o Bradesco Prime cuida
do meu patrimônio. - Juliana Paes
Levar uma vida Prime é contar com:
◦ consultoria de investimentos
◦ atendimento personalizado
◦ serviços internacionais
◦ remessas e saques no exterior
Viver é Prime.
PATROCINADOR OFICIAL
Bradesco
Rio2016
prime.bradesco facebook.com/bradescoprime
Fone Fácil Bradesco Prime: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
Bradesco Prime
TM Rio 2016 | Todos os direitos reservados.